

## OS FRAGMENTOS A19 DA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA E A TRADIÇÃO TEXTUAL DO *LANCELOT*

Isabel Sofia Calvário Correia\*

José Carlos Ribeiro Miranda\*\*

O *Lancelot en Prose* será, possivelmente, um dos romances que mais sucesso terão tido junto do público medieval. De facto, a sua tradição manuscrita ronda a centena de testemunhos, datados, na sua maioria, entre os séculos XIII e XV<sup>1</sup>. Assim, a descoberta de mais dois fragmentos de um mesmo manuscrito preservando uma exígua porção de texto deste romance<sup>2</sup> poderá parecer pouco digna de nota, sobretudo tendo em conta as centenas de fólios preenchidas pela extensa narração das aventuras de Lancelot e demais companheiros. Todavia, se considerarmos que o manuscrito se encontra em território ibérico, onde não abundam, nos nossos dias, testemunhos materiais que contenham esta narrativa, a descoberta de dois fragmentos que conservam um texto em francês poderá ser mais relevante do que à primeira

---

\* Escola Superior de Educação de Coimbra; SMELPS/IF/FCT.

\*\* Universidade do Porto; SMELPS/IF/FCT.

<sup>1</sup> De notar a existência de sete impressos datados dos séculos XV e XVI. A este respeito veja-se Lot (1954, p. 1, nota 1).

<sup>2</sup> Graças ao Professor Doutor Saul Gomes obtivemos, sobre o testemunho em questão, informações que gentilmente nos comunicou para a realização deste artigo. Agradecemos também à responsável pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), Dra. Isabel Ramires, todas as informações que nos prestou e o interesse que dedicou à nossa investigação.

vista pode parecer, fornecendo algumas pistas sobre a circulação deste romance em âmbito peninsular.

Sabemos que o *Lancelot* foi conhecido na Península Ibérica tanto através de traduções que subsistiram até hoje, como de notícias da sua existência em inventários medievais e ainda de referências explícitas ao livro e a personagens que nele ocorrem. O testemunho mais íntegro deste romance arturiano é o manuscrito 9611BNE, que contém “el segundo e tercero libros de Don Lançarote de Lago” e foi copiado no século XVI<sup>3</sup>. Contudo, no seu *colofon*, pode ler-se que esta obra remonta a uma redacção terminada em 1414. Conforme havia já sido indicado<sup>4</sup>, o *Lançarote de Lago* tem fortes ligações com o ms. 751BNF, em sua grande parte inédito<sup>5</sup>, e que, de acordo com os estudos de Alexandre Micha (1960; 1965) sobre a tradição textual do *Lancelot*, conserva uma versão mista, ou seja, mantém partes do texto que representam as versões longas, embora, em diversos momentos, se aproxime das versões curtas<sup>6</sup>. Este testemunho de finais do século XIII faz parte de uma “família de manuscritos” específica, o grupo E (Micha, 1978), diferente do manuscrito que

---

<sup>3</sup> Para além dos testemunhos com traduções em línguas ibéricas que chegaram até aos nossos dias – dois fragmentos catalães datados do século XIV e o referido manuscrito castelhano do século XVI –, há notícias, em inventários de bibliotecas, da existência de uma tradução portuguesa e de uma tradução navarra. Há também obras que mencionam o “Livro de Lancelot”, como o *Rimado de Palácio*, de Lopez de Ayala, ou o *Amadis da Gaula*. A este respeito, veja-se Entwistle (1942) e Correia (2010).

<sup>4</sup> Contreras Martin (2001)

<sup>5</sup> Em Correia (2010, pp. 356-464), são transcritos 30 fólios deste testemunho, correspondentes ao episódio da “Fausse Guenièvre”.

<sup>6</sup> Alexandre Micha (1976) distingue, no que à tradição textual do *Lancelot en Prose* diz respeito, versões curtas e versões longas. Como estas designações indicam, as versões longas representam a narrativa mais desenvolvida, sendo, no entender do estudioso francês, mais antigas do que as curtas. Esta posição não é consensual, colidindo em parte com outra, defendida por Elspeth Kennedy (1986), que assenta na divisão entre “Lancelot cíclico” e “Lancelot não-cíclico”. Para a investigadora inglesa, o processo de escrita do *Lancelot* passou por duas fases muito importantes, ou seja, o *Lancelot en Prose* como romance autónomo, não-cíclico, alheio aos romances articulados em torno do Graal e terminando na morte de Galehot (versão representada pelo ms. 768BNF); e o *Lancelot en Prose* (ou *Lancelot* cíclico), que estende a narrativa até ao anúncio da aventura do Graal, sendo parte integrante do ciclo de romances que contavam as aventuras dos cavaleiros de Artur e da sagrada relíquia, a *Estoire del Saint Graal*; o *Lancelot*; a *Queste del Saint Graal* e a *Mort Artu*.

serve de base à edição de Alexandre Micha, o Corpus Christi College Library 45, afastando-se deste quer na organização do texto, quer na redacção de vários episódios.

Num trabalho recentemente realizado sobre a tradição textual e a difusão ibérica do *Lançarote*, para além de confirmada a ideia da proximidade entre o *Lancelot* de Madrid e a versão francesa contida no ms 751BNF, foram identificadas outras versões deste romance – e outros textos para além do *Lancelot* – com as quais o livro castelhano tem estreitas afinidades<sup>7</sup>. Assim, a versão do manuscrito 751BNF não pode ser considerada fonte da tradução original, ocupando apenas um lugar importante no grupo de versões de onde terá provindo o texto francês que serviu de base à tradução ibérica.

Resta interrogar onde encaixar esta nova peça – os fragmentos A19 da BGUC – no complexo puzzle de testemunhos e versões do *Lancelot en Prose*, tarefa que nos propomos realizar agora, começando por caracterizar o testemunho e fornecendo seguidamente uma transcrição dos fragmentos<sup>8</sup> em colação com os textos que lhe são afins<sup>9</sup>. Por fim, teceremos algumas considerações sobre as relações entre o texto preservado em A19 e a tradução castelhana.

---

<sup>7</sup> O *Lançarote de Lago* preserva uma versão que revela algumas afinidades com os textos conservados nos mss. 865Gr e 110BNF, versões curtas, e ainda, a nível de organização textual, com os mss. 339BNF e Douce 199, também versões curtas. Para além disso, saliente-se as estreitas relações com o universo romanesco do Pseudo-Boron, isto é, com o ciclo que, de acordo com Miranda (1998), compreende a *Estoire del Saint Graal*, o *Livre de Merlin*, a *Queste del Saint Graal* prosseguida por uma redacção da *Mort Artu* e ainda o *Lancelot en Prose* e uma versão do *Tristan en Prose*. Para uma análise detalhada desta questão, veja-se Correia (2010).

<sup>8</sup> A mesma cota, A19, está atribuída às duas tiras de pergaminho. Para uma mais precisa identificação do texto, referimo-nos à tira que conserva a porção mais recuada na cronologia da narrativa como A19-1, e àquela que contém a matéria que, na diegese, se situa mais adiante, como A19-2. Porque cada fragmento contém texto em ambas as faces, identificaremos cada uma delas como recto e verso. O nosso acesso a estes fragmentos fica a dever-se ao incansável labor de Filipe Moreira, investigador do SMELPS, que com eles deparou enquanto procedia a outras demandas, e também ao já mencionado desvelo da Dra Isabel Ramires.

<sup>9</sup> A porção de texto conservada nos fragmentos A19 não tem correspondência com as dos fragmentos catalães pelo que o confronto não é viável.

### O testemunho: descrição externa

Até ao momento, pouco ou nada se disse sobre estas duas tiras de pergaminho conservadas na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. De facto, segundo nos foi possível apurar, este manuscrito é mencionado, de forma algo vaga, nos Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra:

“O nº 1 é um fragmento em português medieval, talvez de um confessional, com doutrina acerca dos sete pecados, enquanto, no nº 19 [sic], se vê um precioso fragmento em francês da matéria de Bretanha, e no nº 12 um fragmento bíblico hebraico” (Amaral, 2009, p. 62).

O testemunho fez parte de uma exposição que ocorreu em Coimbra em 2008 e em cujo catálogo se encontram indicações mais precisas:

“Fragments from a text in matter of Britannia/French – 14th century/Round Gothic script/A – W 111 x H 28mm/ B – W 93 x H. 294mm/ (BGUC – Fragmentos A, 5)” (Gomes, 2008, p. 8).

Para além destas informações, na margem esquerda de um dos fragmentos<sup>10</sup> está escrito, com letra do século XX, que as duas tiras de pergaminho serviam de reforço a uma encadernação de um livro jurídico:

*Joannes Corasius (encadernado em frança?)  
Varia in Varia Iuris  
Lugduni, 1546<sup>11</sup>*

Os últimos dados referentes ao testemunho encontram-se escritos à mão, na capa de papel onde estavam guardadas as tiras de pergaminho. Aí identifica-se a obra: “Parte dum texto francês dum romance de cavalaria (Lancelot)”. Há ainda uma indicação semelhante à que consta no manuscrito e

---

<sup>10</sup> Na margem inferior direita da outra tira de pergaminho está escrito, de novo, o título e o autor do livro que o manuscrito encadernava.

<sup>11</sup> De notar que se regista a existência de um exemplar desta mesma obra na Biblioteca Nacional de França, como se pode ver em <http://catalogue.bnf.fr/servlet/ListeNotices?host=catalogue>.

que acabámos de reproduzir, “do empastamento de Corasius (Joanes), *Varia in Varias Iuris... Lugduni, 1546*”. Menciona-se também que este texto foi “lido e transcrito pela Prof. Doutora F. Bogdanow (England) para publicação em 12-1-84”. Todavia, não temos notícia de qualquer transcrição deste texto por parte da investigadora inglesa, nem sequer encontramos menção a este fragmento nas suas obras.

Tivemos conhecimento, por parte da responsável pela secção de manuscritos da BGUC, Dra. Isabel Ramires, e pelo Professor Doutor Saul Gomes, de que, nos anos trinta e quarenta do século XX, os livros antigos desta biblioteca sofreram diversas intervenções, tendo sido retirados e identificados todos os pergaminhos que serviam de encadernação, ou de reforço, em obras posteriores. Os fragmentos A 19 terão sido alguns dos vários manuscritos que foram retirados dos livros a que estavam apensos. Assim, este testemunho terá sofrido, pelo menos, duas intervenções: a primeira, no momento em que foi usado para reforçar a encadernação do livro jurídico quinhentista que atrás mencionámos, e a segunda no século XX, aquando da reorganização do espólio da biblioteca coimbrã. Como facilmente se compreende no âmbito deste artigo, é a primeira que nos suscita mais interesse por ser a que pode fornecer alguns dados sobre a prévia circulação do testemunho.

Não era de todo raro que um manuscrito medieval fosse usado, em pleno século XVI, para encadernar livros ou para impedir que estes se deteriorassem. O material era resistente e evitava que a obra se desmembrasse. Todavia, o manuscrito poderá não ter sido usado na primeira impressão da obra. A encadernação do livro poderá ter passado por duas fases: como verificámos, ela é feita em cartão o que, segundo Saul Gomes, pode significar que não seriam usados manuscritos como reforço, pois tal prática não era corrente quando se usava o cartão nas capas dos livros. Desta forma, o livro de Corasius conserva parte da encadernação original – as capas – e terá sido

intervencionado de forma a colocar um reforço na lombada em época setecentista. A lombada, onde se encontravam as tiras de pergaminho, poderá ser, de acordo com o professor coimbrão, de feitura portuguesa ou espanhola e datável do século XVIII. Já nos anos trinta do século passado, o bibliotecário que classificou o manuscrito se interrogava, como vimos na citação que acima transcrevemos, se a encadernação proviria de França...

Estes dados, ainda a precisar de um estudo mais longo e apurado, permitem formular algumas hipóteses interessantes. A primeira apontará para que o testemunho poderia encontrar-se, íntegro ou decerto não tão fragmentado, na Península Ibérica já, pelo menos, desde o século XIII/XIV, data do texto que reproduz, como mais adiante precisaremos. Mais tarde, no século XVIII, tendo o seu conteúdo perdido o interesse para o público da época, teria sido usado como reforço de um livro na altura já antigo e a precisar, certamente, de melhoramentos de forma a perdurar no tempo e, provavelmente, de maneira a ir ao encontro dos gostos do seu proprietário. A ser assim, estando na Península desde tempos muito remotos, os fragmentos A19 poderiam estar implicados na difusão da versão ibérica do *Lancelot*.

Uma segunda hipótese, menos interessante, certamente, mas, a nosso ver, igualmente provável, aponta para a possibilidade de o manuscrito poder ter sido adquirido já no século XVIII a fim de ser utilizado no empastamento de livros. Conforme informações fornecidas pelo Professor Saul Gomes, e considerando alguns estudos de história local<sup>12</sup>, o comércio de pergaminho, sobretudo a partir do século XVI, era bastante dinâmico, sendo os testemunhos comprados, muitas vezes já cortados, para serem usados nas encadernações. Se assim for, a encadernação será ibérica, mas as duas tiras de pergaminho que contêm parte do *Lancelot* terão chegado até aqui por mero acaso e fruto de trocas comerciais setecentistas.

---

<sup>12</sup> Em Vinagre (1995), revela-se como o comércio de manuscritos era profícuo no distrito de Leiria.

Com base em critérios materiais, pouco mais poderemos dizer sobre a circulação do testemunho. Acrescente-se apenas que o livro pertencia a uma ordem militar religiosa, provavelmente a ordem de Cristo, conforme indicia a inscrição, escrita a letra do século XVIII, na folha de rosto: “Livro do Real (abrv) Collegio dos Militares”. Entre outras diligências que será necessário realizar futuramente, nomeadamente a análise da tinta utilizada na cópia, aguardamos um levantamento de outras obras da mesma proveniência que, esperamos, nos possam ajudar a aprofundar o conhecimento do percurso deste fragmento.

Como vimos, de acordo com o catálogo da exposição onde figurou o pergaminho que atrás mencionámos, as medidas são 111 x 28mm e 93 x H. 294mm, mas poderão não corresponder ao tamanho real do fólio pois as tiras estão cortadas de forma não uniforme e têm, nos rebordos, pedaços de fita-cola. Os dois fragmentos têm 42 linhas, mas poderão faltar algumas, sobretudo no início, devido ao formato do corte das tiras<sup>13</sup>. Há duas capitais a vermelho e o texto é corrido. De acordo com informações gentilmente cedidas pelas paleógrafas Outi Merisalo e Françoise Vieillard, a quem agradecemos<sup>14</sup>, o testemunho pode ser datado de finais do século XIII/ inícios do século XIV. Outi Merisalo refere que o tipo de letra é *gotica textualis*<sup>15</sup> e que poderá ter sido redigido em território transalpino. Françoise Vieillard menciona que não se detecta no texto nenhum traço dialectal.

Pelo que vimos até aqui, e apesar de serem muitas as questões ainda em aberto, os fragmentos de Coimbra conservam um texto francês antigo, do século XIII/XIV. Apenas com estes dados, poderia não ser mais do que uma

---

<sup>13</sup> Como mais adiante se verá tanto na reprodução fotográfica em anexo, como na transcrição do texto a par com a versão do ms. 751BNF, o testemunho de Coimbra estava escrito com uma letra de consideráveis dimensões, ao contrário da grafia do ms. 751BNF, mais compacta e estreita.

<sup>14</sup> O contacto estabelecido com Françoise Vieillard foi possível devido à gentil intermediação do Prof. Saul Gomes.

<sup>15</sup> Sobre o assunto, ver Jesús Torrens (1995).

curiosidade arturiana semelhante a tantas outras. Porém, a colação do texto com a tradição textual do *Lancelot en Prose*, no sentido de averiguar como se posiciona no seu seio, renovou o nosso interesse por este breve testemunho. É dos resultados dessa operação que trataremos seguidamente e será também nosso intento, como já dissemos, e considerando que o pergaminho se encontra em território peninsular, verificar que tipo de relações mantém com a versão castelhana, o *Lançarote de Lago*.

### **Identificação textual dos fragmentos**

O texto do *Lancelot en Prose* preservado nos fragmentos A19, que transcrevemos no final deste trabalho, localiza-se, respectivamente, nas secções designadas “Fausse Guenièvre” e “Charrette”. Assim, uma das tiras de pergaminho conserva parte do diálogo entre a rainha Guenièvre e Galehout, no momento em que os mensageiros de Artur e frei Amustan chegam a Sorelois para levá-la de volta ao reino onde se reconciliaria com o rei. O texto é de difícil leitura sendo, em muitos casos, apenas possível reconstruir palavras ou partes de vocábulos. Apesar de esta matéria se encontrar em vários manuscritos do *Lancelot*, a sua redacção não contém particularidades que permitam a filiação desta versão a qualquer família de manuscritos.

O verso deste fragmento preserva um texto em melhor estado e reproduz parte do diálogo entre frei Amustan e a rainha Guenièvre. Ao contrário do que sucedia com o recto deste pergaminho, esta passagem não se encontra na versão longa editada por Micha (§IX, 33-42, pp. 167-169, t. I)<sup>16</sup>, mas conserva-se na versão curta do ms. 865Gr, que Micha também edita, no ms. 751BNF e no *Lançarote de Lago*.

---

<sup>16</sup> Nesta versão apenas Lancelot e Galehout aconselham a rainha a voltar para Artur. Frei Amustan integra o grupo que se desloca a Sorelois para levar Guenièvre de volta, mas não é reproduzido qualquer diálogo entre as duas personagens.



A segunda tira de pergaminho, a que nos referimos como “fragmento A19-2”, reproduz parte do episódio denominado “Chevalier de la litière”, mais concretamente o momento em que Yvain vê um cavaleiro ferido deitado numa liteira. Yvain tenta retirá-lo do leito que o encarcera, mas não tem sucesso e aconselha por fim a donzela que acompanha o cavaleiro a procurar Lancelot, o único capaz de levar a cabo tamanha aventura. No verso do pergaminho, pode ler-se o episódio em que Lancelot retira o cavaleiro da liteira. Todavia, o verso do manuscrito é de difícil leitura devido a desgaste do pergaminho e, sobretudo, ao facto de as letras terem perdido a tinta que as preenchia.

A sequência destas duas passagens – Yvain que tenta sem sucesso esta aventura e logo depois Lancelot que a consegue levar a bom termo – é idêntica àquela que se documenta nos mss. 751BNF, 865Gr e na versão ibérica do ms. 9611BNE. Na versão longa editada por Micha, a ordem destas passagens é diferente: Yvain enfrenta um bando de ladrões<sup>17</sup> e só mais tarde Lancelot encontra o cavaleiro ferido, pelo que, mais uma vez, se confirma o afastamento de A19 em relação a esta versão e a proximidade com o grupo de mss. a que o 751BNF e 865Gr pertencem<sup>18</sup>. Desta forma, afigura-se pertinente confrontar o texto do fragmento A19 com o que os testemunhos acima mencionados preservam na tentativa de esclarecer, dentro dos limites permitidos por um texto fragmentário e de pequena dimensão, as afinidades e diferenças entre eles. Além disso, como anteriormente dissemos, o *Lançarote de Lago* mantém relações de proximidade com as versões dos mss. 751BNF e 865Gr, pelo que é necessário procurar compreender que tipo de ligações há entre o texto do fragmento A19 e a tradução ibérica. A afinação das relações entre A19 e as versões mencionadas torna-se, assim, o passo seguinte a ser dado.

---

<sup>17</sup> Veja-se Micha (1979, t.1, §§XII, pp.187-195)

<sup>18</sup> De notar que Micha não os filia no mesmo grupo, devido, supomos, ao facto de o ms. 751BNF representar uma versão longa e 865Gr uma versão curta. No nosso entender, apesar desta diferença, estes manuscritos têm redacções muito próximas que os aparentam, pelo menos em algumas secções do romance.

Alexandre Micha afirma que “chaque scribe peut, de son côté, remplacer un *fait-il* par un *dit-il*, un *vassal* par un *baron* (...) il n’y a aucune conclusion solide à tirer de là» (Micha, 1987, pp. 293-294). Porém, apesar de subscrevermos as palavras do editor francês, teremos de ter em conta que a porção de texto que vamos analisar é diminuta, ao contrário das centenas de fólhos dos manuscritos do *Lancelot* manuseados por Micha, pelo que faremos incidir a nossa atenção em todos os pormenores que os possam diferenciar.

### **A19 a par de 751BNF face às restantes versões**

Como se pode verificar pela transcrição que apresentamos no final deste artigo, a versão do fragmento A19 está muito próxima daquela conservada no ms. 751BNF sendo pouco produtivo destacar momentos em que as versões concordem, tal é a semelhança na redacção de ambas. No nosso entender, apesar do carácter materialmente limitado da colação, poderemos considerar que são dois testemunhos que transmitem a mesma versão. A título de exemplo, apresentamos três casos relativamente pouco relevantes, no que à variação textual diz respeito, mas em que A19 concorda com 751BNF na reprodução dos mesmos “bordões linguísticos” ou em simples detalhes de escrita.

1)<sup>19</sup>

A19-1

«**Dame, Dame** [...] preudons

751BNF

**Dame, Dame**, cis preudons

865Gr

**Dame**, cis preudome

9611BNE

“**Señora**, este ome bueno vos dice verdade

---

<sup>19</sup> Todos os exemplos referentes ao ms. 865Gr foram retirados de Micha (1979, §§IX, 32, pp. 104-105, §IX, 27-31, pp.107-108, §§XI- XII 9-4, pp.128-129, §XIII, 2-6, pp.131-132, t.III)

2)

A19-2  
et cele dist a lui qu'elle vee aller a la court a **Londres**

751BNF  
Et ele dit a la court a **Londres**.

865Gr  
et ele dist « a la cort a **Logres**.

9611BNE  
E dixo ella: “Señor, a **la corte del rey Artur** ”.

3)

A19-1  
« Sire », fait [...] **chevalier meisme**

751BNF  
« Sire », fait li **chevalier meismes**

865Gr  
Sire, fet li **chevalier**

9611BNE  
“Señor”, dixo el **cavallero**

Outros pontos de concordância entre A19 e 751BNF tornar-se-ão salientes ao longo da presente exposição, permitindo confirmar a muito grande proximidade entre estes dois testemunhos.

### **A19/751BNF e 9611BNE**

Como foi já adiantado<sup>20</sup> e facilmente se comprovará pela colação fornecida em anexo, 9611BNE apresenta uma sistemática tendência para a abreviação quando confrontado com o dois testemunhos mais relevantes até aqui convocados e até perante as lições dadas pelo testemunho da chamada “versão curta”, mantendo todavia o fundamental do sentido da narrativa

---

<sup>20</sup> Cf. Correia (2010).

francesa<sup>21</sup>. Essa abreviação generalizada, afastando literalmente o texto castelhano dos franceses, torna difícil ou mesmo impraticável a colação deste com grande parte do texto presente em A19. Este procedimento apenas se revela produtivo **nos pontos em que 9611BNE segue as versões francesas literalmente**, ou, pelo menos, obedecendo à mesma estrutura de frase. Aí torna-se patente a maioritária concordância entre 9611BNE e A19-751BNF face a 865Gr:

4)

A19-1

...car ch[ ] sa **dame**

751BNF

...car il n'ainme mie sa **dame**

9611BNE

... ca aquel non ama a su **señora**

865Gr

...car cil n'aime mie son *ami*

5)

A19-1

[.....] fait elle « departie p[.....]**l**ise

751BNF

« G'en sui », fait ele, « toute departie par le drot **de Saint Eglise**,

9611BNE

Yo soy partida –dixo ella–, por derecho, **por Santa Iglesia**

---

<sup>21</sup> São raros os casos em que 9611BNE expande o texto que se encontra nas versões francesas. Um exemplo: A19-1: “Si se taist atant li contes de lui et retorne a parler de Lancelot”; 751BNF: “Si se tait atant li contes de mon signor Yvain et retorne a Lancelot”; 865Gr: “Si se taist ore li contes de luy et retourne a Lancelot”; 9611BNE: “[CXX] Mas agora dexa la istoria de fagnar de la doncella e de Ivan e torna a Lanzarote”. De ter em atenção, todavia, que os segmentos verbais franceses foram usados, no testemunho castelhano, como rubrica de separação de matérias.

865Gr

Je en sui, fet ele, delivre par droit, car puis....

6)

A19-1

en aves autres hontes asses **dont je ne parlerai pas ore**

751BNF

en a eues autres hontes assez **dont je ne parlerai pas ore**

9611BNE

otro mal le vino, **agora non fablaré**

865Gr

si soufert autres hontes assés

7)

A19-1

convera a vostre **esp[ ]us**

751BNF

covendra aur en **espous**

9611BNE

conviene a vuestro **marido**

865Gr

convenra a vo *seignor*

8)

A19-1

**nus maus ni ert qui ne soit conpa[...]***en cestui siecle ou en autre l'autre* **nus biens n'est sans gueredon**

751BNF

**nus maus n'est qui ne soit compares** *en setui siecle ou en l'autre* **ne nus biens n'est sans guerredon**

9611BNE

**ningun mal no es que no sea conprado nin ningun bien que no sea galardonado**

865Gr

n'iert qui ne soit guerredonés ne nus maus qui ne soit comperrés *u en cest siecle u el l'autre* ».

9)

A19-2

“Sire chevaliers i jel savoie [...] **or vaut pis**”

751BNF

“Sire chevaliers, **or vaut pis**”

9611BNE

Señor cavallero, **agora es peor** que antes”

865Gr

“Sire chevaliers, or n'est noiens votre asai”

10)

A19-2

ne deusse pas cuidier que je fus[ ] **boins chevaliers**

751BNF

ne je ne me deusses pas cuidier que je fusse **bons chevaliers**

9611BNE<sup>22</sup>

ca no deviera yo cuidar que era el *mejor cavallero del mundo*

865Gr

c'est a boins chevaliers que de ceste cose peusse a chief venir

11)

A19-2

les aventures que **aviennent** [.....] vers unne voie

---

<sup>22</sup> Com a particularidade de, em 9611BNE, *bons* se tornar em *mejor... del mundo*, a estrutura da frase é rigorosamente a mesma de A19-751BNF.

751BNF

les autres mes aventures qui **i aviennent** en avant vers voie

9611BNE

las malas andanzas que **aí bienen** fasta adelante, fasta una carrera<sup>23</sup>

865Gr

les males aventures *qu'il i a* cha avant envers une voie

### 9611BNE próximo de A19

Detectam-se também momentos em que o texto castelhano parece apresentar particularidades que apenas se encontram em A19:

12)

A19

**dolorous jour dou juisse**

961BNE

**doloroso dia del juhicio**

751BNF

**doloreus jor** del jugement

865Gr

felon **jor de juisse**

13)

A19

...et li chevalier **crie** [.....]arces durement

9611BNE

e el cavallero **dava vozes muy doridas**

751BNF

...Et li chevalier *arce* si durement

---

<sup>23</sup> É possível que o tradutor esteja a decompor a forma verbal “aviennent” em “aí”+ “bienen”, mais familiar no idioma castelhano.

865Gr

-----

14)

A19

appeles li **chemins** au diable

9611BNE

el **camino** del diablo

751BNF

con clainme la voie al diable

865Gr

que on apele la Voie au Diable

Noutros casos, a concordância entre A19 e 9611BNE estende-se, pelo menos em parte, também a 865Gr:

15)

A19

si je seusse coument je ases **ue**[...] [...] meiss[.] **volontiers** [...]einne et travail...

9611BNE

Si yo supiese cómo los poderia **ver, de grado** me trabajaria

865Gr

..... Je i meisse **volentiers** paine et travail que jou les **veisse**

751BNF

Se je seusse conment ge puisse, ge i meisse painne et travail

16)

A19

car **ch**[...] sa dame que r[...]aiment [...] ses hounois

9611BNE

ca **aque**l non ama a su señora que a toda su honra no ama.



865Gr

car **cil** n'aime mie son ami qui n'aime toutes ses honors.

751BNF

car il n'ainme mie sa dame qui n'ainme toutes ses honors.

### **Lecciones singulares de A19**

Em alguns pontos, A19 parece transmitir lições privativas, como sucede no caso seguinte, em que a ausência da expressão adverbial que é traduzida em 961BNE por “caramente” se junta à repetição de uma outra expressão adverbial muito próxima: “maintes manieres... maintes choses...”

17)

A19-1

qu'il en fist a il [.....]et en **maintes manieres** et [...] [...]ntes choses

751BNF

que il a fete a il comparee **molt chier** en **maintes choses**

865Gr

que il a fete a il comparee **molt chier** en **maintes choses**

9611BNE

que él contra vós fizo a él muy **caramente** comprada,

Há um caso em que o manuscrito de Coimbra apresenta uma lição diversa e abundante que cumpre analisar com detalhe:

18)

A19-2

si s'en vont en tel maniere tant qu'il aprocent del castiel et lors encontrent le chevalier freres au chevalier navre sour .l. grant diestrier que lor venoit a l'en[...]tre **si avoit en lor compaignie come la sienne que de la compaignie au frere dou chevalier que navres estoit si avoit en sa compaignie chevaliers**

751BNF

En tel maniere s'en vont tant qu'il aprochent del chastel et lors rencontre le frere du chevalier navre sor un grand destrier qui a l'ancontre li venoit. **Si avoit en sa compaignie chevaliers et dames assez et escuiers et borjois**

865Gr

Et s'en vont en tel maniere tant qu'il aprochent le chas-tel, si encontrent I chevaliers qui estoi freres au chevaliers navré **et avoit en sa compaignie chevaliers**

9611BNE

E fueronse e llegaron al castillo e fallaron el hermano del cavallero que salia ya contra ellos **con gran conpañã de cavalleros e de dueñas e de borguesas**

Como se pode ver, trata-se de uma amplificação privativa, ou seja, o fragmento A19 tem mais uma frase que fornece informação sobre a companhia do cavaleiro ferido e de seu irmão. Assim, enquanto nas outras versões apenas se enumera quem acompanha o irmão do cavaleiro, os seus pares, damas e burgueses, no testemunho de Coimbra faz-se uma comparação entre os dois “séquitos”, isto é, a companhia do irmão era idêntica à do cavaleiro ferido: “si avoit en lor compaignie come la sienne que de la conpaignie au frere dou chevalier que navres estoit”. Depois desta afirmação, retoma-se o fio da narrativa, empregando-se uma construção sintáctica idêntica àquela que precedeu a comparação: “si avoit en sa conpaignie”. Parece ser um claro acrescento da responsabilidade do redactor desta versão. De facto, como se verifica, a oração “si avoit en lor conpaignie” é idêntica em todas as versões, mas o redactor de A19 acrescentou uma expressão comparativa “come la sienne” que o levou a repetir parte do que já havia dito como forma de completar a frase assim iniciada. Infelizmente o fragmento termina neste ponto. Porém, tendo em conta o uso da palavra “chevaliers” depois da inclusão da comparação, também presente nas outras versões, é plausível que o texto de A19 fosse, a partir daí, de novo muito semelhante ao de 751BNF e, conseqüentemente, ao de 9611BNE. Como quer que seja, nada de narrativamente relevante parece decorrer desta redundância, qualquer que seja a sua natureza.

### **A19 próximo de 865Gr**

Também detectámos alguns pontos em que A19 parece estar mais próximo de 865Gr. Mas são escassos e de importância menor, como se pode verificar no seguinte exemplo:

19)

A19-1

**Quant il ot une grant pieche chevauchie si conmença a penser [...] durement**

865Gr

**Et quant il ot grant piece chevauchié, si comença a penser molt durement**

751BNF

Quant il ot une grant piece chevauchie, si comence une grant piece a penser.

9611BNE

E despues que don Lanzarote andobo una gran pieza, comenzo mucho a pensar

### **Conclusão**

O manuscrito A19 coloca mais questões do que fornece respostas. Trata-se de uma porção de texto muito pequena que pertence a uma vasta obra com uma ampla tradição textual e manuscrita. De acordo com os estudos de Micha (1978), nas secções correspondentes à “Fausse Guenièvre” e à “Charrette” os manuscritos do mesmo grupo de 751BNF são: B.N 1430; 118-121; 1466; 16998; Ars.3481, Royal 19 C XIII, Harley 6341, Aberstwyth 445. O presente trabalho permite-nos acrescentar a este grupo os fragmentos A19. Tendo em conta que grande parte dos testemunhos que transmitem o *Lancelot* estão incompletos, faltando-lhes fólios em diversas partes (o ms. 751BNF, por exemplo, não contém vários episódios da secção final deste romance) uma avaliação paleográfica de todos estes manuscritos poderá vir a ajudar-nos a perceber se as duas tiras de pergaminho da biblioteca coimbrã não serão, na

realidade, partes de fólhos perdidos de algum deles<sup>24</sup>. Porém, o que não deixa de ser interessante é o facto de este manuscrito, descoberto em solo ibérico, conter uma versão tão próxima da tradução castelhana.

Como sabemos, o *Lançarote de Lago* chegou até aos nossos dias num testemunho do século XVI. A tradução contém bastantes arcaísmos linguísticos e revela pouca inovação<sup>25</sup>. Não sabemos quantos estádios intermédios terão existido entre a tradução e o testemunho actual, nem que modificações poderá o texto ter sofrido durante o processo de cópia. Todas as versões francesas chamadas à colação revelam pontos em que ora se afastam ora se aproximam da versão ibérica, tornando impossível afirmar que uma delas está directamente na sua linha ascendente. Mas também é necessário que se note que, no excerto colacionado, o texto fornecido por A19 parece ser aquele que mais próximo se encontra do *Lançarote del Lago*.

Muito está por esclarecer no que diz respeito à circulação do testemunho em território peninsular. Como vimos, há fortes possibilidades de o manuscrito ter sido usado cá como reforço do livro impresso. Ora, isto poderá querer dizer que tal testemunho já se encontrava na Ibéria *de antiquo*. Contudo, como também dissemos, houve um amplo comércio de manuscritos vendidos já com o propósito de servirem como encadernação ou reforço. Assim, estas duas tiras de pergaminho, vindas de França, podem também ter sido adquiridas para esse fim. Talvez esta questão permaneça insolúvel ou um estudo mais apurado do percurso do testemunho, se possível, ajude a deslindar esta dúvida.

Todavia, não será de ignorar a repetida referência ao *Lancelot du Lac* nos arquivos de Santa Cruz de Coimbra<sup>26</sup> ou em inventários de bibliotecas

---

<sup>24</sup> Os mss. 118-121 são de finais do século XIV pelo que não é provável que o fragmento A19 pertencesse a este testemunho. Os restantes datam do século XIII/XIV e contêm diversas lacunas, porém, apenas ao mss. 1430 BNF faltam fólhos a partir do 108/109. O número de linhas por página é irregular e bastante aproximado nos vários testemunhos (Micha, 1960).

<sup>25</sup> Cf. Correia (2010).

<sup>26</sup> Esta menção foi identificada por Bogdanow (1991). A referência encontra-se no catálogo de impressos de Santa Cruz de Coimbra, mas, como é sabido, muitas vezes referia-

medievais peninsulares. A descoberta destes fragmentos em solo português, contendo uma versão francesa tão próxima do *Lançarote del Lago*, pode bem vir a abrir novas e insuspeitadas perspectivas no conhecimento da difusão da matéria arturiana em Portugal e no conjunto da Península Ibérica.

## **Bibliografia:**

### **Edições do *Lancelot en Prose*:**

CONTRERAS MARTÍN & SHARRER, H, (eds. 2006), *Lanzarote del Lago*, Madrid, Los Libros de. Rocinante, 22, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos.

MICHA, Alexandre (ed. 1978-1982), *Lancelot. Roman du XIII<sup>ème</sup> siècle*, 9 tomos, Genève, Droz, (tomo III, 1979)

### **Estudos:**

AMARAL, Maia, A. E. (coord) (2009) *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

BLECUA, Alberto (2001), *Manual de Crítica Textual*, Madrid, Cátedra.

BOGDANOW, Fanny (1991), "Introduction", *La version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, Paris, Soc.des anciens Textes Français, vol.1.

BUSBY, Keith (1999), "Rubrics and the Reception of Romance", *French Studies*, LIII(2), Society for French Studies.

CASTRO, Ivo de (1993), "Matéria de Bretanha", LANCIANI, G. & TAVANI, G. (coord.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

CORREIA, Isabel Sofia (2010) *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: Tradição Textual e Difusão Ibérica da versão do ms. 9611BNE*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação policopiada.

CONTRERAS Martin, Antonio (2001), *La Imagen de la Caballería en el Lanzarote del Lago Castellano*, Barcelona, Universitat de Barcelona, dissertação policopiada.

---

se, erradamente, um manuscrito no catálogo de impressos. Assim, não é possível saber se este *Lancelot du Lac*, provavelmente em francês, seria um impresso ou um manuscrito.

- ENTWISTLE, William (1942), *A lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.
- GOMES, Saul (org) (2008) *The Shine of the Fragment. Exhibition. From Codex to Fragment. Catálogo de Exposição*, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 12-18 Setembro.
- KENNEDY, Elspeth (1980), *Lancelot do Lac: the non-cyclic old french prose romance*, Oxford, Clarendon Press, vol.I
- JESÚS TORRENS, María (1995), “La paleografía como instrumento de datación. La escritura denominada «littera textualis»”, *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, nº20, pp. 345-380.
- LOT, Ferdinand (1954), *Étude sur le Lancelot en Prose*, Paris, Librairie Honoré Champion.
- MICHA, Alexandre (1960), « Les Manuscrits du Lancelot en Prose ». *Romania*, LXXXI.
- IDEM (1978), “Introduction”, *Lancelot. Roman en prose du XIII<sup>e</sup> siècle*, Genève, Droz, t.I, pp. IX-XXII.
- IDEM (1979), “Introduction”, *Lancelot. Roman en prose du XIII<sup>e</sup> siècle*, Genève, Droz, t.III, pp. VII-XV.
- IDEM (1966), “La Tradition Manuscrite du *Lancelot en Prose*” : les deux versions du *Lancelot en Prose*”, *Romania*, LXXXVII, pp. 194-233.
- MIRANDA, José Carlos Ribeiro (2004), “A edição castelhana de 1535 da Demanda del Sancto Grial: o retorno de Excalibur às águas”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 1, Porto, pp. 53-63.
- VINAGRE, Ana Bela (1995), “Manuscritos de capas de livros paroquiais e notariais do distrito de Leiria do século XII a XIX: inventário preliminar”, *Actas do II colóquio sobre a história de Leiria e sua Região*, Leiria, Câmara Municipal de Leiria, pp. 13-54.

## **Os Fragmentos A19 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra**

### **Critérios de Transcrição**

Transcrevemos o fragmento A19 e os fólhos correspondentes do ms. 751BNF seguindo os critérios apresentados em Correia (2010) e que abaixo reproduzimos. No que concerne o manuscrito A19, optámos por não representar a variação de caso que ocorre nos nomes das personagens uma vez que, à semelhança do que acontece noutras versões do *Lancelot*, o uso do caso sujeito e do caso “regime” é, muitas vezes, aleatório<sup>27</sup>. Apresentamos abaixo uma lista dos critérios que seguimos nesta transcrição:

- numeração de linhas e quebra de linha de acordo com as opções dos manuscritos;
- separação e junção de palavras de acordo com a norma actual (no caso de A19, apenas quando os vocábulos são legíveis e não levantam dúvidas);
- uso de maiúsculas nos nomes próprios;
- introdução de pontuação;
- usamos aspas para assinalar a fala de personagem no discurso directo;
- as desabreviaturas estão assinaladas a itálico excepto quando se trata de nomes de personagens que não assinalamos;
- no ms. A19 mantivemos a grafia dos nomes das personagens; no ms. 751BNF os nomes próprios das personagens foram regularizados seguindo-se o *usus scribendi* do manuscrito. Apresentamos adiante uma lista das opções tomadas.
- assinalamos a nasalidade, sempre que abreviada no manuscrito, com o grafema <n>;
- antes de <p> e <b> assinalamos a nasalidade com o grafema <m> quando abreviada;

---

<sup>27</sup> A este respeito veja-se o que diz, por exemplo, Micha (1978).

- substituímos o grafema <u> com valor de /v/ pelo grafema <v>, ex. courir> covrir;
- substituímos o grafema <i> com valor de /ʒ/ pelo grafema <j>, ex. soniar> sonjar
- letras, palavras e expressões ilegíveis serão assinaladas no texto com [...];
- supressões de letras e palavras são assinaladas no texto com ( );
- expressões repetidas são assinaladas em nota;
- no *Lançarote de Lago* seguimos o texto editado; sempre que a nossa opção é divergente, assinalamos a leitura do editor em nota.

Lista de abreviaturas mais comuns para os nomes das personagens no excerto considerado:

Gal.....Galehot  
Lanc.; L. ....Lancelot  
Y. ....Yvain

Foi solicitada autorização à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra para a reprodução fotográfica dos fragmentos.

Por último, endereçamos à Simona Ailenii um sincero agradecimento pela preciosa ajuda que nos deu na decifração do texto do manuscrito.



Transcrição e *collatio* das duas versões do *Lancelot en Prose*

Ms. A19-1r	Ms. 751BNF, f. 172 rll
<p>1 [...]ame [.....]                  2 asses et i [.....]                  3 ble et l[.....]                  4 fera de[.....] je sui [.....]                  5 en tout[.....] <i>consans</i> ne                  6 <i>Diex</i> ne fis[.....] [.]t ounour <i>que</i> je [.....]                  7 sisse se [.....] prenoie et                  8 je ai dr[.....] ne mise [...]                  9 painne [.....] moi hounou                  10 rer fors[.....] dui.                  11 Et(<i>capital tinta vermelha</i>)                  [...]ancel[...]plus estoit a[...]                  12 d[a]mes [...] ses voairs li                  13 dist: Da[...]e <i>qui</i> con vous lorroit [...]                  14 refuser i[...]e vous [...] mie [.....]                  15 preu et [...]chies [.....] ame                  16 roit mie car ch[.....] sa                  17 dame <i>qui</i> n'<i>ainme</i> to[...] ses hounors                  18 et se vous volies a[.....]                  19 mais de [...]ari prendre [.....]                  20 faire car vous [.....]                  21 signour le roi [.....]                  22 qu'il vous ait [.....] vous                  23 rapieler [...] au[...] [..]ffait [.....]ondoit                  24 dire et noumer [.....]on <i>vous</i> i a                  25 dous amis fait [.....]sai bien que                  26 cou me l[...s] vous [...]ur cou vos                  27 saves bien jou le [.....] et vous Ga                  28 lehot, fait elle, qui plus i estes sages                  29 de lui <i>qui</i> m'en loer[...] vous afaire.                  30 Dame, fait [...] vous en a loe                  31 car <i>qui</i> vous en loeroit autre cose il                  32 vous en [...]eroit hon[.....] damage                  33 et n'en p[...ur] <i>quant</i> b[...] sachies que je                  34 amasse meix [.....] remanoir <i>en</i> ceste                  35 pais car n[...] [.....]usse amender                  36 mais a Dieu [.....] cou poise mo[...]                  37 et puis que [.....]ent au consillier                  38 on doit d[.....] loial. Ensi                  39 loent a[.....] cou que                  40 elle vie[.....] sont                  41 assamble [.....] artu [...] ont                  42 [...]le ties[.....] [.....]use roinne</p>	<p>si fu la joie grant assez et il furent tout                  quatre priveement et la roine dist as                  deus <i>chevaliers</i> que ele fera de ceste                  chose, « car je sui », fait ele,                  « atandans del tout en tout a vos                  consaux, ne Diex ne fist si grant honor                  que je preisse se par vous deus ne la                  prenoie. Et je ai droit, car nus ne mise                  onques <i>painnes</i> en moi honorer for que                  vous dui ». Et Lancelot qui <i>plus</i> estoit a                  tous ces voairs abandones, si li dist :                  « Dame, qui se vous loeroit a refuser il                  ne vous enmeroit mie, car il n'<i>ainme</i>                  mie sa dame qui n'<i>ainme</i> toutes ses                  honors. Et se tous jors vous voliez tenir                  de mari prendre, ne le porriez vous                  faire, car vous i estes espouse                  monsignor le roi, si vous aura combien                  qu'il vous ait mesfait puis qu'il vous                  rapelera au rendroit ». « Biax dous                  a[mi] », fait ele, « je sai bien que ce me                  loez vous por ce que vous savez bien                  que je le veil. Et vous Galehot », fait                  ele, « <i>qui</i> plus i estes saiges de lui que                  m'en loeres vous a faire ? ». « Dame »,                  fait il, « se qu'il vous a                  Lancelot, car qui vos loeroit autre                  chose, il vous loeroit hont et <i>damage</i>                  et non porquant, bien sachiez, que                  molt enmasse miex la remonance en                  cest pais, car molt en poisse amender                  mais Dieu ne plait se poise moi. Et puis                  que vient au consillier on doit doner le                  plus leal ». Ensi loient a la roine ce                  qu'el veut et dautre part sont asamble li                  baron le roi Artu, si ont oi le tesmoing                  de la fause roine et de Bertelais le viel.                  Et i rois done bone seurte assez prelas                  qu'il reprendra sa fame et del despit                  qu'il en a fait se contandra a l'esgar de                  Sai[n]te Eglise.</p>

Ms. A19-1v	Ms. 751BNF, f. 172 vll
<p>1 [.....]                  2 par Sainte [.....] fait elle                  3 departie p[...] [...]lise car                  4 puis qu'il me pour [...] [...]ort il                  5 n'est drois ne rais[.....] Sainte                  6 Eglise ne les gar[.....] que jou                  7 doie retourner [.....] Dame fet                  8 freres Amutan [.....]loiautes                  9 qu'il en fist a il [.....]er en main                  10 tes manieres et [...] m[...]intes co                  11 ses car il en [...]ste es[...]umeni                  12 ies et seures [...] Sainte Eglise.                  13 Il est tous appar[...]lies de amen                  14 der et si en aves autres horttes                  15 asses dont je ne parlerai pas ore.                  16 Et s'il en a mesfait i viers Sainte                  17 Eglise il est tous apparillies de                  18 l'amender ne vous n'en pren                  19 deries pas la justice, mais Sainte                  20 Eglise l'en penra et coument                  21 qu'il vous vous griet [...] a bie                  22 lisse retourner, vous conven                  23 ra a vos[...]re esp[...]us. Et s'il vous a                  24 portee mauva[...]sse foi et vous                  25 li boinne il le conparra ou en                  26 ce siecle ou en l'autre ou au                  27 dolerous jour dou juisse que                  28 toutes les jusses et toutes les                  29 desiertes seront meries et ren                  30 dues. Et vous [...] [...]es ounerie                  31 en cestui siecle et en cel autre                  32 boinne vie qui est a venir en                  33 aurois joie pardurable car                  34 nous savons que [...]us maus ni ert                  35 qui ne soit conpa[...]es [...]u en cestui                  36 siecle ou en l'autre, ne nus biens                  37 n'est sans gueredon". A ces paro                  38 les dire fu Galeos et ses compains                  39 et quant il oi que la [...]oinne s'escondis                  40 soit en enviens les barons si dure                  41 ment si s'estr[...] avant et li                  42 dist: "Dame, Da[...] [...] preudons</p>	<p>« G'en sui », fait ele, « toute departie par le droit de Saint Eglise, car puis qu'il me porchasa mort il n'est pas drois ne raisons ne ja Sainte Eglise ne l'esgardera a droit que je doie a lui retourner ».</p> <p>« Dame », fait frere Amustaus, « de la desloialte qu'il en fist a il conpare en maintes choses, car il en a este escomenies et seures de Saint Eglise et si en a eues autres hontes assez dont je ne parlerai par ore. Et s'il a mesfait vers Sainte Eglise il est tous pres de l'amender ne vous n'en prandrois pas la jostice, mais Sainte Eglise la prandra. Et comment qu'il vous griet ou abelisse retourner, vous covendra aur en espous et cil vous aportee malvaise foi et vous lui bone, il le conparra en cestui siecle ou el dolereus jor del jugement que toutes les desertes seront rendues et vous en serois honoree e[n] cestui siecle et en l'autre joie pardurable, car nous savons que nus maus n'est qui ne soit conpares en setui siecle ou en l'autre ne nus biens n'est sans guerredon ».</p> <p>A ces paroles dire fu Galehot et ses compains et quant il oi que la roine s'escondissoit envers les barons si durement, si se [...] et si dist a li :                  « Dame, dame cis preudons vous en dit voir.</p>

Ms. A19-2r	Ms. 751BNF, f. 176 rl-rlI
<p>1 [.....]n [...] devist [.....] [...]os  2 [.....]ori[...] deus fois ou trois assaia  3 [.....]n sachiet hors mais riens ni  4 [.....]ert esplutier et li <i>chevaliers</i> crie  5 [.....]arces durement com il onques  6 [.....] se pooit et mesires Yevvains  7 [.....]ou[...] courecies et la damoi  8 [...]ele [...] dist Sire <i>chevalier</i> jel savoie  9 [.....] or vaut pis. Ciertes fait  10 [...] cou <i>est</i> a mout grant droit  11 [.....] ne deusse pas cuidier que je fus  12 [.....] boins <i>chevalier</i> et sachies bien fait  13 [.....] damoisele <i>que</i> je vauroie avoir  14 [.....] graingnour plaie que chis  15 <i>chevaliers</i> et que teux <i>chevalier</i> ai je hui  16 [.....]ut fust ore endroit chi li  17 <i>chevalier</i> seroit ja delivres ou jamais  18 [...]le seroit. Puis demande a la  19 [...]moisiele quel part il vee a  20 aler et elle dist a lui qu'elle vee  21 a[...]ler a la court a Londres.Ore  22 [...]es , fait il <i>que Diex</i> vous l'aist encon  23 t[...]r celui <i>qui</i> jou di, car jel vou  24 roie. Atant s'en part si s'en va  25 mout courecies et la litiere  26 d'autre part. Si se taist atant  27 li contes de lui et retourne a par  28 ler de Lancelot.  29 Quant(<i>capital a vermelho</i>)  Lanselos se fu partis  30 del duc de Clarence et de  31 monsignour Yevvain, si chevau  32 [...] mors et pensis desirans et vo  33 [...]tious de trouver teux <i>gens</i>  34 [...] il moustrast lire et le mau  35 [...]ent qu'il a. Et dist li <i>cortes que</i>  36 celle voie qu'il aloit estoit uns  37 [...]recemens de la voie par ou  38 mesires Yevvain s'en iert ales et en la  39 [...] venoit li unne en l'autre  40 [...]ant il ot unne <i>grant</i> pieche  41 [...]vauchie si <i>comença</i> a penser  42 m[...]ut durement et il chevauce</p>	<p>Deus fois ou trois l'essaia a geter hors, mais riens ne puet exploitier. Et li <i>chevaliers</i> arce si durement com il plus puet . Et mesires Yvains li laisse molt correciez et la demoisele li dist<sup>28</sup> : « Sire <i>chevaliers</i>, or vaut pis ».</p> <p>« Certes, fait il, c'est a molt grant droit, ne je ne me deusse pas cuidier que je fusse bons <i>chevaliers</i>. Sachies bien », fait il, « damoisele, que je vodroie avoir la grignor plaie que cis <i>chevaliers</i> ait par covent que tes <i>chevalier</i> ai ge hui veu fust [...] cis. Li <i>chevaliers</i> seroit delivres ou jamais ne le seroit ». Puis demande a la damoisele qu'el part ele bee a (176rII)ler. Et ele dit a la court a Londres. « Or Alles », fait il, « Diex vous doint celui encontrer que ej di, car gel vodroie ». Atant s'en part, si s'en va molt correciez et la litiere d'autre part. Si se tait atant li contes de mon signor Yvain et retourne a Lancelot</p> <p>Quant Lancelot ce fu partis del duc de Clarence et de monsignor Yvain, si chevauche mas et pensis et desirans et volenteis de trouver tes gens a cui il poist moustrer l'ire et le mal talent qu'il a.</p> <p>Et dist li contes que cele voie qu'il aloit estoit uns adressements de la voie par ou messires Yvain estoit aler. Et en la fin venoit l'une a la autre. Quant il ot une grant piece chevauchie, si comence une grant piece a penser. Il chevaiche totes voies et il escoute une vois</p>

<sup>28</sup> Et la demoisele li diste t la demoisele li dist, expressão repetida

Ms. A19-2v	Ms. 751BNF, f. 176 vl
<p>1 demande [.....] sont                  2 fait la damois[.....] en[...]                  3 [.....] ne sont [.....]                  4 car ceste forest [...]. Inversent [...]                  5 tuit li mal et toutes [...] ho[...]                  6 aviennent a chevalier [.....]                  7 [.....] se gabois non en[...].es [...]                  8 les aventures <i>qui</i> aviennent [...]                  9 avant viers unne voie <i>qui</i> es[...]                  10 appieles li chemins au diable                  11 "Coument" fait Lancelos si font                  12 tel noise et si ne les puet <i>on</i> veoir                  13 [...]se je seusse coument les vo[...]                  14 [...]meiss[.....] volentiers                  15 [...]inne et travail car diable                  16 [...]vi jou onques [...] il n'est gai                  17 res chose <i>qui</i> en tiere soit que[...]                  18 [...]aie [.....] qui [...]. "Sire" fait                  19 [...] chevalier meismes « laissies ester                  20 [...]e je vous di loiaument [...]                  21 [...] [...] estoit se de desvoiment [...]                  22 fauroient il tan[...] les chevaliers                  23 [...]rans qu'il les font [...]aioir                  24 [...]es et as autres peril <i>qui</i> en                  25 ceste foriest sont". Tant il <i>dient</i>                  26 [...] atant le lait ester. Si atorne                  27 il meismes au <i>chevalier</i> son lit d[...]                  28 moisse et d'ierbe delie et de ro                  29 bes dont il i avoit asses. Si le cou                  30 cha mout doucement sour la                  31 litiere, si l'asiet ou coffre mout                  32 doucement que le <i>chevalier</i> he[...] tant                  33 que nulle cose plus et qu'il ne le                  34 puet veoir, si s'en vont <i>en</i> tel ma                  35 niere tant qu'il aprocent del                  36 castiel et lors encontrent le                  37 chevalier freres au chevalier navre sour                  38 .I. grant diestrier que lor venoit                  39 a l'encontre si avoit en lor <i>conpai</i>                  40 [.....] <i>comme</i> la sienne qui de la <i>conpai</i>                  41 [...]au frere dou chevalier <i>qui</i> navres                  42 estoit si avoit <i>en</i> sa <i>compaigni</i>[..]                  chevaliers</p>	<p>Etancelot demande des vois qu'il a                  oies que se sont. « Sire », fail la                  danmoisele, « ne vous chaille. Car ce                  ne sont se diable non qui en ceste                  forest conversent et tuit li mal et<sup>29</sup>                  toutes les hontes aviennent as  <i>chevaliers</i>, n'encor n'es se gabois non                  en vers les autres mes aventures qui i                  aviennent en avant vers voie con                  clainme la voie al diable ».                  « Conment », fait Lancelot, « si font tel                  noise et si ne les puet nus veoir ? Se je                  seusse conment ge puisse, ge i meisse                  painne et travail, car diables ne vit ge                  onques ne il est gaires autre chose qui                  en terre soit que je n'aie ne cuite ».                  « Sire », fait li <i>chevaliers</i> meismes,                  « laissez cis veu ester, car ce ne sont                  se desvoiment non, si faloient tant les  <i>chevaliers</i> errans qu'il les font es forest                  cheoir et es autres perieus qui en ceste                  forest sort ».                  Tant li dient que atant le lait ester. Et                  atorne il meismes la litiere au <i>chevalier</i>                  et fait son lit de mouce et d'erbe deliee                  et de robe don il ot a grant plenté. Si le                  coucha molt docement sor la litiere, si                  laissent li coffre qui le <i>chevaliers</i> het                  tant qu'il nel puet veoir.                  En tel maniere s'en vont tant qu'il                  aprochent del chastel et lors rencontre                  le frere du <i>chevalier</i> navre sor un grand                  destrier qui a l'ancontre li venoit. Si                  avoit en sa compaignie <i>chevaliers</i> et                  dames assez et escuiers et borjois</p>

<sup>29</sup> et sobreposto à linha.

Ms. A19-1r	Ms. 9611 BNE ( C-CI, pp. 63-64)
<p>1 [...]ame [.....]                  2 asses et i [.....]                  3 ble et l[.....]                  4 fera de[.....] je sui [.....]                  5 en tout[.....] consans ne                  6 Diex ne fis[.....] [.]t ounour que je [.....]                  7 sisse se [.....] preudoie et                  8 je ai dr[.....] ne mise [...]                  9 painne [.....] moi hounou                  10 rer fors[.....] dui.                  11 Et(<i>capital tinta vermelha</i>)                  [...]ancel[...]<i>plus estoit a[...]</i>                  12 d[a]mes [...] ses voloirs li                  13 dist: Da[...]<i>qui con vous lorroit [...]</i>                  14 refuser i[...]<i>Je vous [...]</i> mie [.....]                  15 preu et [...]chies [.....] ame                  16 roit mie car ch[.....] sa                  17 dame <i>qui n'ainme to[...]</i> ses hounors                  18 et se vous volies a[.....]                  19 mais de [...]ari prendre [.....]                  20 faire car vous [.....]                  21 signour le roi [.....]                  22 qu'il vous ait [.....] vous                  23 rapieler [...] au[...] [...]ffait [.....]ondoit                  24 dire et noumer [.....]on vous i a                  25 dous amis fait [.....]sai bien que                  26 cou me l[...]<i>s vous [...]</i>ur cou vos                  27 saves bien jou le [.....] et vous Ga                  28 lehot, fait elle, qui plus i estes sages                  29 de lui <i>qui m'en loer[...]</i> vous afaire.                  30 Dame, fait [...] vous en a loe                  31 car <i>qui</i> vous en loeroit autre cose il                  32 vous en [...]eroit hon[.....] damage                  33 et n'en p[...]<i>ur quant b[...]</i> sachies que je                  34 amasse meix [.....] remanoir <i>en</i> ceste                  35 pais car n[...]<i>[.....]usse amender</i>                  36 mais a Dieu [.....] cou poise mo[...]                  37 et puis que [.....]ent au consillier                  38 on doit d[.....] loial. Ensi                  39 loent a[.....] cou que                  40 elle vie[.....] sont                  41 assamble [.....] artu [...] ont                  42 [...]le ties[.....] [.....]use roinne</p>	<p>fueron muy alegres, e apartáronse todos cuatro en su poridad, e la reina les dixo qué faría, ca non faría cosa sin su consejo.                  –E ya Dios tan gran honra no me daría que la yo tomase sin vós, ca ninguno no se trabajó de me facer honra, sino vós.                   E Lanzarote que se cuidava más de hacer su voluntad le dixo:                  –Señora, quién vos loase que vós esta honra dexásedes non vos amaría, ca aquél non ama a su señora que a toda su honra no ama. E si vós quiséredes sufrir para sienpre que non caseades non podríades, ca vós sois casada con el rey e comoquier que a vos herrase, todavía vos deve haver, pues vos demanda por su derecho.                  [C] <i>Cómo consejaba Galeote y Lançarote a la reina</i>                  –Amigo, –dixo ella–, yo bien sé que esto me lo credes vós, porque asín á desque me placía. E vós, don Galeote, que sois más sesudo que me loades?                  –Esto y que vos él loa, ca él que vos ál loase loarvos ía com mucho daño, pero bien sabed que más me placería que fincásedes en mi tierra, ca mucho emendaría y de mi hacienda. Mas Dios non quiere e pésame ende más que quier que ome aya de aconsejar lealmente.                   Ansi aconsejaron amos a la reina e[n]<sup>30</sup> su voluntad, e de la otra parte allegáronse los ricos homes de la casa del rey e oyeron el testimonio de la reina a los perlados de tomar a su muger, e que de su excomunióon faría todo quanto Santa Iglesia mandase</p>

<sup>30</sup> la reina <e> [a] su voluntad

Ms. A19-1v	Ms. 9611BNE, ( CII, p. 65)
<p>1 [.....]                  2 par Sainte [.....] fait elle                  3 departie p[...] [...]lise car                  4 puis qu'il me pour [...] [...]ort il                  5 n'est drois ne rais[.....] Sainte                  6 Eglise ne les gar[.....] que jou                  7 doie retourner [.....] Dame fet                  8 freres Amutan [.....]loiautes                  9 qu'il en fist a il [.....]er en main                  10 tes manieres et [...] m[...]intes co                  11 ses car il en [...]ste es[...]umeni                  12 ies et seures [...] Sainte Eglise.                  13 Il est tous appar[...]lies de amen                  14 der et si en aves autres hortés                  15 asses dont je ne parlerai pas ore.                  16 Et s'il en a mesfait i viers Sainte                  17 Eglise il est tous apparillies de                  18 l'amender ne vous n'en pren                  19 deries pas la justice, mais Sainte                  20 Eglise l'en penra et coument                  21 qu'il vous vous griet [...] a bie                  22 lisse retourner, vous conven                  23 ra a vos[...]re esp[...]us. Et s'il vous a                  24 portee mauva[...]sse foi et vous                  25 li boinne il le conparra ou en                  26 ce siecle ou en l'autre ou au                  27 dolerous jour dou juisse que                  28 toutes les juissses et toutes les                  29 desiertes seront meries et ren                  30 dues. Et vous [...] [...]es ounerée                  31 en cestui siecle et en cel autre                  32 boinne vie qui est a venir en                  33 aurois joie pardurable car                  34 nous savons que [...]us maus ni ert                  35 qui ne soit conpa[...]es [...]u en cestui                  36 siecle ou en l'autre, ne nus biens                  37 n'est sans gueredon". A ces paro                  38 les dire fu Galeos et ses compains                  39 et quant il oi que la [...]oinne s'escondis                  40 soit en enviés les barons si dure                  41 ment si s'estre[...] avant et li                  42 dist: "Dame, Da[...] [...] preudons</p>	<p>–Yo soy partida – dixo ella– por derecho, por Santa Iglesia, ca, pues me él muerte buscó, non es derecho nin razón, que Santa Iglesia non lo mandara a derecho que yo a él deva tornar.                  –Señora –dixo fray Amután–, la deslealtad que él contra vós fizo á él muy caramente comprada, ca él es por eso escomulgado e partido de Santa Iglesia, e mucho aún otro mal ende vino, agora non hablaré, e quanto él herró contra vós e contra Santa Iglesia á de toma[r] ende justicia, ca vos non, e comoquier que vos sea ende bien o mal e tornarvos conviene a vuestro marido, e si vo[s]<sup>31</sup> él fue desleal e a él leal, él lo a pagado ya en este mundo o en el doloroso día del Juhicio, do a cada uno será dado lo que merecerá, e vós en este mundo e él en el otro abredes para sienpre placer, ca bien sabedes que ningun mal no es que no sea conprado nin ningun bien que no sea galardonado  <i>CIII Lo que dixo Galeote quando vido que se escusaba Ginebra</i><sup>32</sup></p> <p>Quando esto [a] la reina decía, estava[n] Galeote e Lançarote alli, e cundo vieron que la reina se escusaba tan fuertemente, dixo Galeote:                  –Señora, este ome bueno vos dice verdad.</p>

<sup>31</sup> Si <n>[v]o[s]

<sup>32</sup> Lo que dixo Galeote quando se escusaba Galeote. Corrigimos o lapso do manuscrito.

Ms. A19-2r	Ms. 9611BNE (CXIX- CXX, p.74)
<p>1 [.....]n [...] devist [.....] [...]os                  2 [.....]ori[...] deus fois ou trois assaia                  3 [.....]n sachiet hors mais riens ni                  4 [.....]ert esplutier et li chevaliers crie                  5 [.....]arces durement com il onques                  6 [.....] se pooit et mesires Yevvains                  7 [.....]ou[...] courecies et la damoi                  8 [...]ele [...] dist Sire chevalier jel savoie                  9 [.....] or vaut pis.ciertes fait                  10 [...] cou est a mout grant droit                  11 [.....] ne deusse pas cuidier que je fus                  12 [.....] boins chevalier et sachies bien fait                  13 [.....] damoisiele que je vauroie avoir                  14 [.....] graingnour plaie que chis                  15 chevaliers et que teux chevalier ai je hui                  16 [.....]ut fust ore endroit chi li                  17 chevalier seroit ja delivres ou jamais                  18 [...]le seroit. Puis demande a la                  19 [...]moisiele quel part il vee a                  20 aler et elle dist a lui qu'elle vee                  21 a[...]ler a la court a Londres.Ore                  22 [...]es , fait il que Diex vous l'aist encon                  23 t[...]r celui qui jou di, car jel vou                  24 roie. Atant s'en part si s'en va                  25 mout courecies et la litiere                  26 d'autre part. Si se taist atant                  27 li contes de lui et retourne a par                  28 ler de Lancelot.                  29 Quant(<i>capital a vermelho</i>)                      Lanselos se fu partis                  30 del duc de Clarence et de                  31 monsignour Yevvain, si chevau                  32 [...] mors et pensis desirans et vo                  33 [...]tious de trouver teux gens                  34 [...] il moustrast lire et le mau                  35 [...]ent qu'il a. Et dist li cortes que                  36 celle voie qu'il aloit estoit uns                  37 [...]recemens de la voie par ou                  38 mesires Yevvain s'en iert ales et en la                  39 [...] venoit li unne en l'autre                  40 [.....]ant il ot unne grant pieche                  41 [...]vauchie si commença a penser                  42 m[...]ut durement et il chevauce</p>	<p>E don Ibán probó tres vezes de lo sacar e no pudo, e el cavallero dava voces muy doloridas. E a postrimera vez, quando vio que se tanto dolia dexolo, e la doncella le dixo:                  –Señor cavallero, agora es peor que antes, ca bien me sab[í]a yo esto por cierto que no seríades vós ele que avíades de acavar el aventura. E respondiÓ Don Iván:                  –Bien ees<sup>33</sup> verdad señora lo que decides, ca no deviera yo cuidar que era el mejor cavallero del mundo; pues para él estaba (59v), como está, guardada esta tal aventura que, por cierto, yo daría por bien enpleado tener la mayor llaga de las que est&lt;a&gt;[e] cavallero tiene, por ver estar aquí al cavallero que yo oy bi, que sabed que este cavallero seria luego libre si lo ha de ser. Después preguntó a la doncella a cuál parte quería ir. E dixo ella:                  –Señor, a la corte del rey Artur.                  –Id en buena hora –dixo él–, y en tal que alledes aquel cavallero que yo digo, ca mucho me placería ende. Entonces se partiÓ d'ella con gran pesar e con gran vergueza, e la doncella se fue por otra parte con su lecho. [CXX] Mas agora dexa la istoria de fablar de la doncella e de Ivan e torna a Lanzarote. Cuando Lanzarote se partiÓ del duque de Clarençia, fuese pensando e deseoso de fallar a quien mostrase su saña e su mal talante que havia. E dice la istoria que aquella carrera por do el iba, se juntaba gran pieza por la carrera por donde don Iban iba. E despues que don Lanzarote andobo una gran pieza, comenzo mucho a pensar e yendo assi así pensatibo oyo una boz...</p>

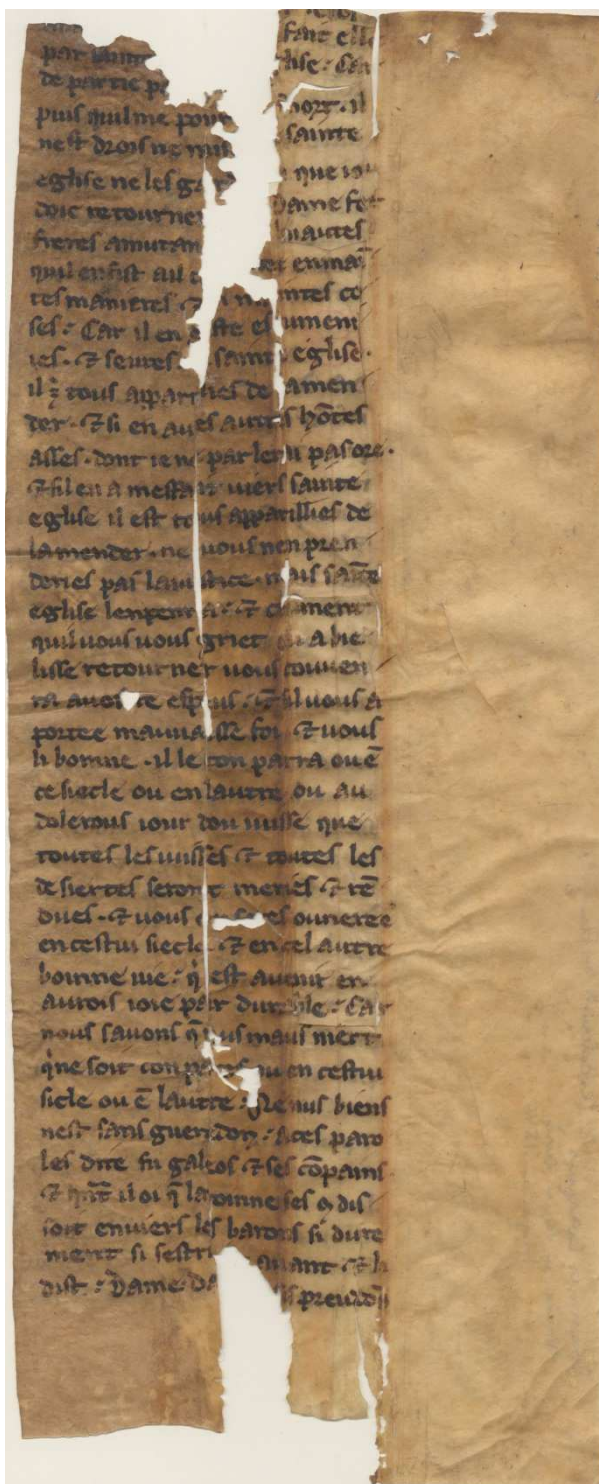
<sup>33</sup> e<e>s.

Ms. A19-2v	Ms. 9611BNE (CXX, p. 75)
<p>1 demande [.....] sont                  2 fait la damois[.....] en[...]                  3 [.....] ne sont [.....]                  4 car ceste forest [...]. Inversent [...]                  5 tuit li mal et toutes [...] ho[...]                  6 aviennent a chevalier [.....]                  7 [.....] se gabois non en[...].es [...]                  8 les aventures <i>qui</i> aviennent [...]                  9 avant viers unne voie <i>qui</i> es[...]                  10 appieles li chemins au diable                  11 "Coument" fait Lancelos si font                  12 tel noise et si ne les puet <i>on</i> veoir                  13 [...]se je seusse coument les vo[...]                  14 [...]meiss[.....] volentiers                  15 [...]inne et travail car diable                  16 [...]vi jou onques [...] il n'est gai                  17 res chose <i>qui</i> en tiere soit que[...]                  18 [...]aie [.....] qui [...]. "Sire" fait                  19 [...] chevalier meismes « laissies ester                  20 [...]e je vous di loiaument [...]                  21 [...]estoit se de desvoiemment [...]                  22 fauroient il tan[...] les chevaliers                  23 [...]rans qu'il les font [...]aioir                  24 [...]es et as autres peril <i>qui</i> en                  25 ceste foriest sont". Tant il <i>dient</i>                  26 [...] atant le lait ester. Si atorne                  27 il meismes au <i>chevalier</i> son lit d[...]                  28 moisse et d'ierbe delie et de ro                  29 bes dont il i avoit asses. Si le cou                  30 cha mout doucement sour la                  31 litiere, si l'asiet ou coffre mout                  32 doucement que le <i>chevalier</i> he[...] tant                  33 que nulle cose plus et qu'il ne le                  34 puet veoir, si s'en vont <i>en</i> tel ma                  35 niere tant qu'il aprocent del                  36 castiel et lors encontrent le                  37 chevalier freres au chevalier navre sour                  38 .I. <i>grant</i> diestrier que lor venoit                  39 a l'encontre si avoit en lor <i>compai</i>                  40 [.....] <i>comme</i> la sienne qui de la <i>compai</i>                  41 [...]au frere dou chevalier <i>qui</i> navres                  42 estoit si avoit <i>en</i> sa <i>compaigni</i>[..]                  chevaliers</p>	<p>Entonces preguntó Lanzarote qué voces heran las que oyeran, e la doncella le dixo :</p> <p>–Señor, non vos maravilledes, ca non son sino diablos que andan en esta floresta por do todo mal e toda vergüenza viene a los cavalleros andantes que a ella vienen, e esto no es nada contra las malas andanzas que aí bienen fasta adelante, fasta una carrera do entra el Camino del Diablo.</p> <p>–E cómo, –dixo Lanzarote–, hacen tan gran buelta e no los puede ome ver? E dixo Lanzarote:</p> <p>–Si yo supiese cómo los podría ver, de grado me trabajaría ende, ca nunca vi diablos, e adelante non cuido que todo lo ál no viesse.</p> <p>–Señor, –dixo el cavallero–, dexad estar, ca non son sino desmayamientos, porque los cavalleros han a desviar ee antrar<sup>34</sup> en lo mas alto de la floresta e en los otros lugares peligrosos que en la floresta son.</p> <p>Tanto le dixeron a Lanzarote que se dexó ende d'ello, e él con su mano guiso e el [!]echoal cavallero de la yerva verde que aí hecho e de la ropa mucha que traia e dexaron el arca porque el cavallero la queria tan mal que la non queria ver.</p> <p>E fuéronse e llegaron al castillo e fallaron el hermano del cavallero que salía ya contra ellos con gran compañía de cavalleros e de dueñas e de burguesas...</p>

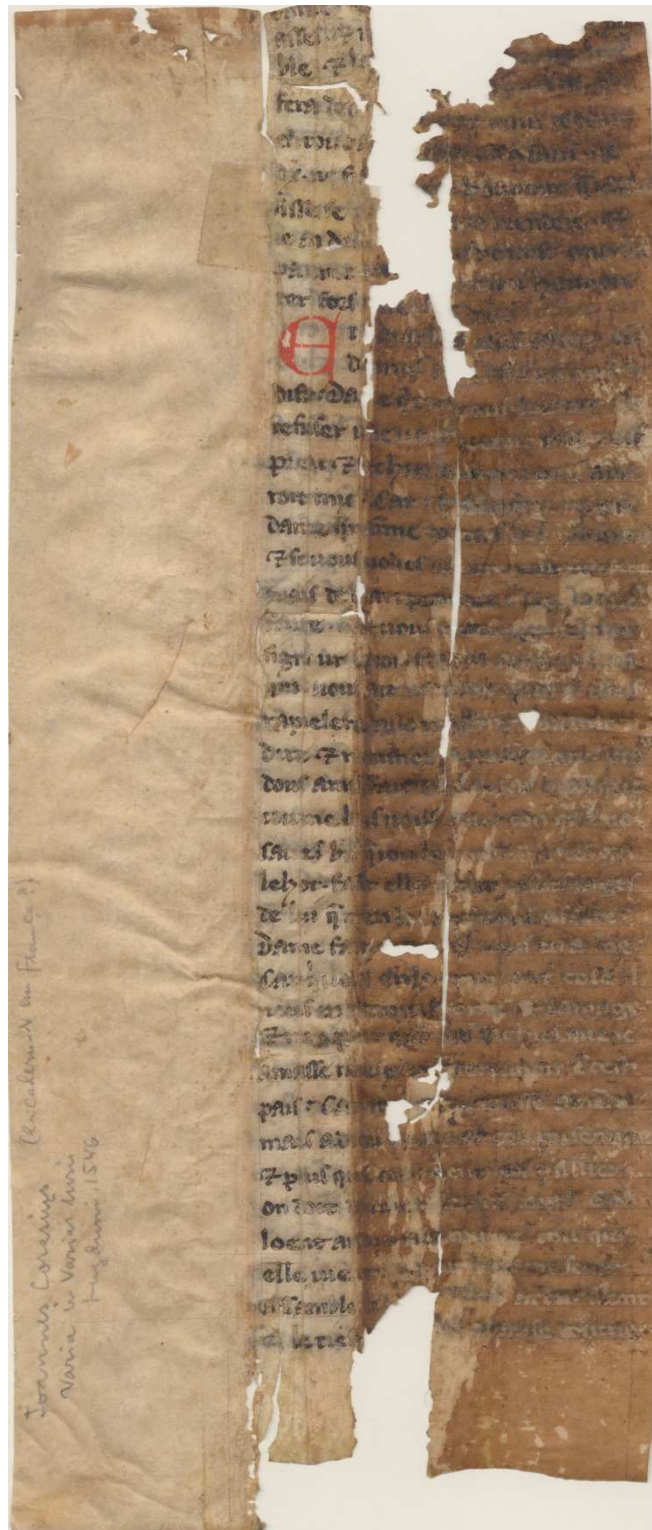
<sup>34</sup> e e <a> [n]trar



Reprodução fotográfica dos fragmentos

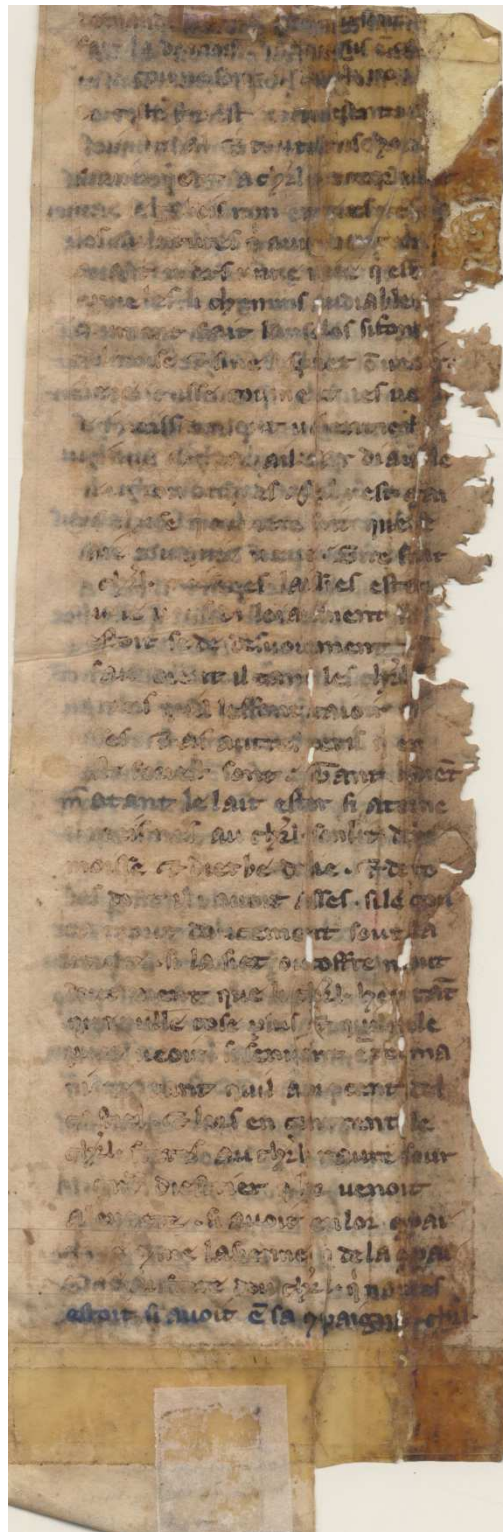


A19 1r



A19 1v





A19 2v